**O PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLETINDO SOBRE GÊNERO.**

ALENCAR, João Paulo Almeida de[[1]](#footnote-1)

VIEIRA, Antônia Maíra Emelly Cabral da Silva[[2]](#footnote-2)

Resumo

Um processo histórico, social e político da feminização do magistério nas series iniciais, encetado no Brasil ainda no século XIX, defini alguns traços de uma prática docente que perpetua até a atualidade. Nessa conjuntura, se percebe que o homem que se insere nesse campo ultrapassa essa delimitação paradigmática, tornando-se um sujeito estranho e passível de preconceitos e rejeições. Diante do exposto, esclarecemos que o objetivo da nossa pesquisa é possibilitar uma discussão e reflexão sobre esse mal estar docente na Educação Infantil através dos relatos de experiência e vivência de um aluno (homem) do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, no período do Estágio Supervisionado I, no semestre 2014.1. A metodologia utilizada para essa pesquisa abarca um estudo bibliográfico amparado pelas ideias de autores como: Bragança e Moreira (2013), Costa (2007), Novaes (1991), Silva (2014). Para aproximação prática lançamos mão de relatos de experiência do estagiário, expressando as problemáticas e aprendizagens construídas durante as práticas de estágio. Como resultados, destacamos que, quebrar esse estigma cultural de gênero na atuação docente nas séries iniciais é desconsiderar os padrões impostos pela sociedade e vencer o preconceito. Desafios nesse âmbito são concretos e formam algumas das grandes barreiras que permeiam a atuação do professor homem nas séries iniciais em qualquer esfera social.

**Palavras-chave**: FEMINIZAÇÃO; GÊNERO; FORMAÇÃO DOCENTE.

Para Bragança e Moreira (2013) a partir do séc. XIX assistimos ao processo de feminização do magistério. Com a institucionalização das Escolas Normais ainda nesse período, a presença feminina no magistério se acentuou a ponto de ser construída uma concepção sociocultural com traços maternos nos contornos formativos da constituição da profissão. “O magistério, entendido como um prolongamento das atividades maternas passa a ser visto como ocupação essencialmente feminina e, por conseguinte, a única profissão plenamente aceita pela sociedade, para a mulher” (NOVAES, 1991, p. 22). Essa relação feita do ensino de crianças com a maternidade foi sendo imbuída de estereótipos ao longo de décadas. Isso se coloca, muitas vezes, pelo estranhamento da sociedade em ver a interação do homem, caracterizando como uma relação perigosa o contanto com a criança, ascendendo a possibilidade de eminência de transgressões hediondas.

Sendo assim, esclarecemos que o objetivo da pesquisa é possibilitar uma discussão sobre esse mal estar docente do professor homem na Educação Infantil. A pesquisa permite uma aproximação com os conhecimentos experienciais do sujeito, à medida que permite um papel reflexivo e teórico-prático do ser-fazer docente expostos nos relatos de experiência. É recorrente este mal estar docente na educação infantil brasileira. Com base nos dados do Censo da Educação Básica 2011[[3]](#footnote-3) no Brasil, dos 408.739 profissionais contabilizados como professores da educação infantil, apenas 11.897, ou seja, 2,9% eram homens. Esses dados quantificam a grande disparidade entre os gêneros na docência da educação infantil no país. Diante disso, é preciso ressaltar que não é a definição da sexualidade que implicará na capacidade formativa do educador, mas sim as competências teórico-práticas, bem como, as habilidades adquiridas na formação acadêmica. É urgente que se reafirme que homem nessa profissão não é uma presença ameaçadora, assim como o entendimento social diz ser, (...) “o fato de causar espanto, causar adversidade dos pares, quase sempre acusando na consciência do senso comum das pessoas como suspeito pedófilo ou um homem que não gosta de mulheres (SILVA 2014, p.47)”.Os mediadores do processo educativo nesse contexto, precisam ser vistos como profissionais capazes de desenvolver, na prática pedagógica em sala de aula, as habilidades e o profissionalismo de todo e qualquer outro mediador do conhecimento e dos cuidados às crianças.

Os relatos que emergem neste trabalho são resultados das memórias do estagiário (homem) ator e autor desse trabalho, que vivenciou no ano de 2014 a prática pedagógica no período do estágio supervisionado I, numa Unidade de Educação Infantil- UEI – numa turma do maternal II, de uma instituição pública de ensino da cidade de Mossoró-RN. Nessa experiência, já no primeiro dia, ficou claro o impacto causado pela presença dele na maioria dos pais que não conseguiam esconder seu estranhamento diante da figura masculina no contexto educacional infantil.

De acordo com Silva (2014), esse estranhamento com um homem em sala de aula é o resultado de uma padronização sexista da profissão e da formação do profissional para essa faixa etária. Essa padronização cristaliza a compreensão sobre a relação dos pares na atuação docente, fazendo com que a preservação da diversidade também na identidade docente seja subjugada por essas concepções inflexíveis sobre o ser professor na educação infantil. Ao se pensar nesse relacionamento tão próximo entre o homem e a criança como é a convivência do professor com o aluno, logo se edificam medos como (...) “a associação da figura do professor, homem, docente que não gosta de mulheres; “ele é gay”; e a pior de todas, mais preconceituosa e perigosa o discurso e a ideia associativa do professor homem na educação infantil a um pedófilo” (SILVA 2014, p.60). É importante ressaltar que logo após os primeiros contatos das crianças como o estagiário, não houve nenhum estranhamento com aquela presença masculina na sala de aula por parte dos alunos. O estranhamento que houve foi inteiramente por parte dos pais. Para muitas daquelas crianças, que talvez, por não ter a presença do pai no cotidiano de suas vidas, ele representava também essa figura paterna masculina.

As crianças dentro da própria escola necessitam se apropriar dessa realidade, dessas interações, professora e também de professor para que elas tenham a possibilidade de conhecer de forma plural as relações que permeiam a vivência da escola que nada mais é do que um reflexo das relações da sociedade. Isso é o que Costa (2007, p. 13) menciona com bases em estudos lusitanos sobre a temática: “(...) a presença masculina, além da feminina, nas organizações escolares dos primeiros níveis, no sentido do desenvolvimento integral das crianças e no intuito da maior visibilidade dos elementos masculinos do estatuto sócio-profissional”. Diante disso, entendemos que o ensino para essa faixa etária, não pode ser traduzido pelo atributo materno, mas de acordo com Silva (2014) deve ser competência de quem está habilitado e qualificado para ensinar, para mediar o conhecimento independentemente de sua definição de sexo. O ideário social determinista que postula atribuições biológicas e inatas de determinado gênero como a legitimação de uma aptidão maior ou menor para o exercício da docência, produz uma visão sexista e reducionista da primazia dessa profissão que por excelência é a promoção do bem maior social que é a educação. Através da voz do estagiário autor e ator dessa pesquisa, é possível perceber que constructos sociais ainda determinam o perfil de gênero docente na educação infantil. Com esses relatos nos deparamos com uma pequena amostra do que enfrentam nos bastidores da educação infantil os “ainda” raros professores homens que se aventuram nessa modalidade de ensino. São lutas constantes, novos desafios e novas barreias a serem rompidas a cada dia, a cada nova turma matriculada. São profissionais que exercem sua profissão sob a necessidade constante de uma reafirmação de suas competências docentes e uma comprovação diária para a sociedade de que eles não são uma ameaça à integridade das crianças. Com isso verifica-se a importância que a realização do estágio supervisionado exerce para a formação do futuro profissional crítico-reflexivo, por proporciona-lo a interação e ambientação com seu futuro campo de trabalho. Diante dessas experiências vivenciadas pelo sujeito no período do Estágio Supervisionado I é preciso entender e reafirmar que educar não é um atributo exclusivo do sexo “M” ou do gênero “F”, mas sim uma competência de quem está devidamente munido dos aportes teóricos, das habilidades e da qualificação necessária para mediar o conhecimento.

**REFERÊNCIAS**

BRAGANÇA, I. F. S; MOREIRA, L. C. P; **Formação e profissionalização docente no Brasil; Instituições, Práticas educativas e história.** Rev. Eletrônica Pesquiseduca, Santos, v. 05, n. 09, p. 43-62, jan.- jul., 2013. http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/viewFile/311/pdf Acesso em: 02 jul.2015.

COSTA, C. E.C. **Tem homem na escola!!! Um olhar sobre o corpo / identidade masculina na educação/saúde.** Tese (Doutorado em ciências). Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Fernandes Filgueira. Rio de Janeiro, 2007.

NOVAES, M. E. **Professora primária: mestra ou tia.** São Paulo: Cortez, 1991.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Anuário Brasileiro da Educação Básica.** São Paulo. Ed. Moderna. 2014. Disponível em: [www.moderna.com.br](http://www.moderna.com.br). Acesso em 16/09/2015.

SILVA, C. P. **Docência Masculina da Educação Infantil: Impressões de um iniciante. Gênero e Raça em Discussão.** São Paulo: Paco, 2014.

1. Acadêmico do curso de Pedagogia Campus Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: jpalencar.adorador@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEd), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista Cnpq. E-mail: mairaemellyc@gmail.com

Eixo Temático: GD 4 – Identidade de gênero e diversidade sexual. [↑](#footnote-ref-2)
3. Dados extraídos do Anuário Brasileiro da Educação Básica (2014), fornecidos pelo MEC/Inep/DEED – Sinopse Estatística da Educação Básica. [↑](#footnote-ref-3)